

A docência universitária e a experiência: o olhar sobre uma prática educativa desenvolvida pelo professor Jorge Larrosa

*University teaching and experience: the glance within an
educational practice developed by Professor Jorge Larrosa*

Editora

Maria Inês Côrte Vitoria
PUCRS, RS, Brasil

Editora Colaboradora

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Carla Spagnolo
PUCRS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, Brasil

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional,
que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução
em qualquer meio, desde que a publicação original
seja corretamente citada.

http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

RESUMO

A experiência requer que aquele disposto a vivenciá-la esteja também propenso a abrir-se ao desconhecido e ao inusitado. É preciso correr riscos, pois ela é apaixonante e, por isso, desencadeadora dos sentimentos e emoções os quais nem sempre dominamos. Possibilitar a vivência de experiências está cada vez mais difícil na atualidade visto que ela exige o silêncio, a parada, o olhar-se a fim de que algo aconteça naquele que a vive. Estamos quase sempre apressados e sem tempo para as experiências diárias que nos são oferecidas. Diante disso, pretendemos discutir nesse artigo a possibilidade de fazer da experiência uma prática educativa que possa ser adotada por educadores de distintas áreas e em diferentes níveis de educação. Para tanto, descrevemos uma atividade de leitura e discussão teórica acerca de alguns textos que compõem o *corpus* da disciplina ministrada pelo professor pesquisador Jorge Larrosa Bondia, da Universitat de Barcelona, com alunos do curso de Pedagogia Social dessa mesma universidade. A partir da prática proposta por Larrosa procuramos discutir conceitos acerca da leitura e da experiência como possibilidades para que o aluno leitor universitário seja tocado e movido ao seu interior por meio do texto e, assim, realmente possa, a partir dele, construir conhecimento, formar ou/e transformar-se, sendo, então, o agente de sua prática educativa.

Palavras-chave: Leitura; Experiência; Jorge Larrosa; Educação.

¹ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo e coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo.

² Professora EBTT do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, campus Feliz, Doutoranda em Letras na Universidade de Passo Fundo e Bolsista Capes.

ABSTRACT

Experience requires that the one willing to experience it be also prone to openness to the unknown and the unusual. We must take risks, because it is passionate and, therefore, feelings and emotions that we do not always master are triggered by it. Enabling experiences is increasingly difficult nowadays, since it requires silence, stopping, looking at oneself so that something happens in the one who lives it. We are almost always rushed and out of time to the daily experiences that are offered to us. Faced with this, we intend to discuss in this article the possibilities of making the experience an educational practice that can be adopted by educators from different areas and at different levels of education. For that, we described a reading and theoretical discussion activity about some texts that compose the *corpus* of the discipline taught by the researcher professor Jorge Larrosa Bondia, from Universitat de Barcelona, with students of the course of Social Pedagogy in the same university. From the practice proposed by Larrosa we tried to discuss concepts about reading and experience as possibilities for the student reader to be touched and moved through the text and, thus, actually build knowledge, to be formed or / and transformed, being, then, the agent of the educative practice.

Keywords: Reading; Experience; Jorge Larrosa; Education.

Introdução

Falar de experiência requer muito mais do que simplesmente ter algo para contar ao interlocutor. Significa, antes de mais nada, desnudar-se diante de algo novo para poder romper com tudo que possa nos impedir de ter/manifestar sentimentos com relação ao que estamos vivenciando e, permitir, com isso, que, utilizando os termos do pesquisador espanhol Jorge Larrosa (2003), algo nos passe. Ao nos encontrar dispostos a receber o novo/distinto/inusitado já estamos a um passo de poder vivenciar experiências.

E assim, dessa maneira, livre de qualquer obstáculo que nos pudesse impedir de ter/vivenciar/provocar o contato com novas situações de aprendizagem e leituras que nos encontramos com um dos maiores intelectuais na área da experiência da leitura contemporâneos, o professor Jorge Larrosa Bondia, da Universitat de Barcelona. A proposta é estar junto a ele e seus alunos a fim de acompanhar suas aulas como aluna ouvinte e, dessa forma, enriquecer nossa pesquisa na área.

Assim, este artigo pretende abordar a experiência que tivemos nas aulas do professor Larrosa acerca de algumas leituras propostas por ele. Tratam-se de capítulos dos livros *Globalização: as consequências humanas*, *Vidas para o consumo*, *Vidas desperdiçadas* e *Trabalho, consumismo e novos pobres*, do sociólogo Zygmunt Bauman, que integram

a bibliografia da disciplina Sociologia da Educação, do Curso de Pedagogia, primeiro semestre, da Universitat de Barcelona. Dessa forma, procuramos, primeiramente, abordar de modo não tão profundo alguns conceitos ou possibilidades de entendimento sobre o significado do termo “experiência”, base de muitos estudos teóricos de Larrosa. Na sequência, procuramos explicitar como se deu a atividade que o mestre propôs aos seus alunos de maneira que vivenciassem a experiência lendo os textos de Bauman. A partir daí, procuramos refletir sobre os resultados das práticas de leitura que fizeram relacionando com a teoria da experiência.

Contudo, podemos nos perguntar: qual seria a relação entre a experiência de leitura e os textos teóricos do sociólogo Bauman propostos por Larrosa para seus alunos? Seguramente podemos afirmar que o trabalho está todo muito bem articulado de forma que seus aprendizes possam vivenciar as mais distintas experiências a partir da leitura de cada texto. De maneira muito inteligente e estratégica, o mestre propõe a seus discípulos vivenciar o texto de modo que este lhe perpassa a pele, interfira em seus sentidos e invada suas vidas de forma concreta. Vamos à experiência.

A experiência. De que se trata?

Partimos da ideia de que lemos e escrevemos para transformar/redimensionar o que já sabemos e não para assimilar ou então, *a posteriori* transmitir o já sabido. Ou seja, somos portadores de conhecimentos e saberes que, em contato com o diferente, têm a possibilidade de se reconstruir e, assim, sermos capazes de ampliar horizontes e perspectivas. E é, contudo, nesse contexto de possibilidades, que está inserida a experiência.

Buscamos, todavia, nas pesquisas do pesquisador espanhol Jorge Larrosa Bondia (2016), alguns apontamentos que são pertinentes para definirmos esse vocábulo que nos acompanhará ao longo desses escritos. Menciona o autor que o significado do termo, em latim, refere-se a provar, experimentar. Dessa forma, segundo ele, a experiência se constitui em uma relação com algo que se quer provar.

Se analisarmos o radical da palavra, *periri*, percebemos que um de seus significados é perigo. Assim, estarmos dispostos à experiência, também é estar exposto ao perigo. Pensamos que a ameaça que envolve o termo esteja relacionada a querer provar dessa novidade que a ele subjaz. *Per*, da mesma maneira, contém em sua acepção a ideia de prova. Assim, somos provados, instigados a nos aventurar perigosamente no campo do inusitado.

Contudo, um dos conceitos mais fortes e que mais me parecem acerca do trabalho que o professor Larrosa desenvolve junto aos estudantes do curso de Pedagogia Social e Sociologia da Educação da Universitat de Barcelona o qual acompanhamos é o que se extrai do prefixo *ex* que remete diretamente a exterior, estrangeiro, exílio, estranho. Isso porque o mestre os coloca frente àquilo que para alguns lhes parece muito difícil de suportar e/ou superar/realizar.

Os estudantes são desafiados e provocados a realizar atividades que poderão, se profícuas, mudar suas maneiras de encarar o mundo.

O que deduzimos até aqui é que, a princípio, o que nos parece exterior a nós, distante de nossos mundos, está, na verdade, em nós mesmos. O que nos falta, no entanto, é nos darmos a possibilidade de sairmos de nós e nos olharmos desde outro ângulo, o externo; mas para que isso ocorra faz-se necessário pausar, silenciar, concentrar. A vida agitada, o excesso de informações e os assédios da modernidade líquida, para utilizar os termos de Zygmunt Bauman (1999), quase sempre não nos permitem essa mirada. O que apreendemos do *ex*, também é a sua íntima ligação com a existência, ou melhor, da sua passagem para ela. É, assim, pois, através da experiência, possível adentrar a essa passagem da existência.

Se analisamos a origem latina do termo e percebemos as inúmeras relações de significação que ele pode estabelecer com a palavra, podemos, então, nos assegurar de que a experiência, pelo menos no tocante à sua carga semântica tem grande e ampla possibilidade de ação/transformação para o sujeito que se predispõe, que esteja aberto a ela. E, assim, espera-se que, uma vez “transformado” terá a certeza de que poderá contribuir para a formação/transformação de outros indivíduos, pois a verdadeira experiência, a nos acontecer, ou a “nos passar”, como diz Larrosa (2016), por ser passional, nos faz rir, chorar, tremer, ou seja, desperta sentimentos e emoções que transbordam em nós e não há como aprisioná-los.

Acreditamos que Larrosa bebeu de outras fontes para embasar-se em sua teoria da experiência, seja para reafirmar ou para discordar. Contudo, é certo que elas contribuem para que ele possa expandir seus estudos e pesquisas tão profícuos acerca do que nos passa a partir de algo que nos permitamos vivenciar. Cabe nos referirmos, então, ao que diz Richard Sennet, em seu importante livro *O artífice, horizontes antropológicos* (2013) a respeito de como analisa o conceito de experiência e sua relação com o pragmatismo. Diz o pesquisador que o termo é

Mais ambíguo em inglês (*experience*) que em alemão, que só divide em dois: *Erlebnis* e *Erfahrung*. O primeiro (vivência) designa um acontecimento ou relação que produz impressão emocional interior, enquanto o segundo (experiência) se refere a um acontecimento ação ou relação faz com que o sujeito se volte ao seu interior e que requer mais habilidade do que sensibilidade (SENNET, 2013, p. 353-354 – tradução nossa).

O que trata Sennet sobre a experiência e sua função pragmática relacionada à arte pode perfeitamente ser discutida aqui com relação à leitura, visto que o autor afirma que a arte faz valer-se das práticas e impressões pessoais, baseando-se na curiosidade, que orienta o artista a sair de si mesmo e expandir-se. Contudo, não se pode esquecer que

há algo muito importante na experiência que são o que o autor chama de “matérias primas da experiência” (SENNET, 2013, p. 355). Assim, o conhecimento que temos precisa ser relacionado com o novo, partindo de dentro para fora. A experiência de leitura permite que o leitor não perceba apenas o que o texto quis dizer, mas sim, o que o texto lhe disse.

Assim, precisamos retomar o que Larrosa (2003) teoriza sobre a experiência e, então, percebemos que ele não compactua com a ideia pragmatista, pois afirma que a experiência não é experimento e nem pragmatismo. De acordo com sua teoria, ela somente poderá ser validada enquanto experiência e não experimento, se pudermos estabelecer relações com o mundo exterior, ou melhor, o que nos passa tem que fazer algum sentido a partir de nossos mundos interiores, mas sem deixar de estabelecer contato com o mundo a nossa volta.

É dessa maneira, então, que vemos a experiência como algo relacionado ao pensar e assim, podemos dar sentido ao que somos e, em contrapartida, algo possa nos acontecer. Esse sentido ou o não-sentido tem relação direta com as palavras, pois quando pensamos, é a partir delas. São elas que determinam nossos pensamentos. Contudo, o sujeito da modernidade está programado para não ter experiências, pois está preocupado em ter excesso de informações e, por isso, nada lhe passa. Ter o domínio das informações não significa ser sabedor ou ter sabedoria sobre algo, ao contrário, a informação cancela nossas possibilidades de termos experiências.

A enxurrada de informações a que estamos submetidos a todo o momento, impossibilita, então, a verdadeira dimensão significativa da aprendizagem que é a opinião. Manifestar pontos de vista sobre um assunto está cada vez mais difícil. Isso porque “ingerimos” em excesso aquilo que deve ser o objetivo – a pura e simples informação – e essa demasia aliada à incapacidade cada vez maior do silêncio para realizar o processamento disso tudo, não nos permite obter a reação subjetiva a esse objetivo inicial, que é a opinião. Dessa forma, quase sempre não opinamos; nos omitimos de manifestar o que realmente pensamos, assim, sem analisar e processar calma e seriamente, ficamos reféns da opinião alheia.

Vivemos em um mundo onde a informação nos cerca, nos interpela e nos seduz a todo o momento. Assim, queremos estar bem informados, queremos fazer parte do grupo dos que têm o controle através da informação. Contudo, esse dispositivo periodístico do saber, para utilizar as palavras de Larrosa (2016), faz com que tenhamos muito mais informação do que opinião. Dessa forma, essa enxurrada de informações, quase sempre superficiais, tendenciosas e incompletas, é o que torna impossível a experiência; é o que impossibilita, inviabiliza e bloqueia nossa capacidade de pensar o mundo a partir de nós mesmos, de relacionar o que temos internalizado com o que presenciamos no momento para, então, concretizarmos uma experiência.

Um dos grandes entraves dessa impossibilidade de termos experiências é, de acordo com Larrosa (2016), a falta de silêncio e de memória. Se não somos capazes de silenciar nosso interior para estarmos abertos ao que

possa nos ocorrer, nada nos ocorre. Se não podemos resgatar nossas memórias e trazê-las à tona a fim de ressignificá-las a partir do novo, não teremos experiências. O autor afirma veementemente que a falta desses dois elementos, unida com as obrigações que temos com o labor diário mostram-se inimigos mortais da experiência.

É por conta disso que, a possibilidade de que algo nos aconteça requer uma pausa; uma parada para pensar, mas para pensar devagar. Exige também uma pausa para olhar, mas para olhar devagar. Da mesma forma, demanda um intervalo para escutar, mas para escutar devagar. É preciso dar-se tempo e espaço para assimilar as experiências, para que elas possam acontecer.

Quanto ao sujeito da experiência, Larrosa (2016) o define como o espaço onde tem lugar os acontecimentos (ou talvez o portador desse espaço). Dessa forma, o sujeito se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade e abertura a tudo o que vê e sente. Ele precisa estar disposto a receber mas, para tal, vários fatores (a pausa, o silêncio, a pré-disposição a ouvir, dentre outros já mencionados anteriormente) precisam estar em confluência. Esse indivíduo, é, então um território de passagem, pois não se faz fixo, firme, seguro, impávido e inatingível, como aquele incapaz de ter experiências. Assim, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (LARROSA, 2016, p.28), pois é passional e, como tal, assume riscos, propõem-se à inovações e possibilidades, assim como veremos na descrição da atividade que foi proposta pelo professor Larrosa a seus alunos.

A atividade: uma experiência a partir de Bauman

Mostrar-se dispostos, receptivos, abertos a fim de realizar experiências é o que percebemos nos sujeitos envolvidos na atividade que pretendemos aqui descrever. Durante a realização do trabalho proposto pelo professor Jorge Larrosa, seus alunos precisaram sair do lugar convencional destinado ao saber/aprender, que é a universidade, ir para distintos bairros da cidade e permitirem-se ser tocados pela experiência.

Com o intuito de homenagear o grande sociólogo polonês Zigmunt Bauman, falecido em janeiro de 2017 e unindo os textos do referido autor ao currículo da disciplina de Sociologia da Educação, o professor Larrosa elegeu capítulos de livros deste estudioso da sociedade líquido-moderna para que seus alunos do primeiro semestre do curso de Serviço Social pudessem estudá-lo. Tratam-se de partes das obras *Globalização: as consequências humanas* (1998), *Vidas para o consumo* (2007), *Vidas desperdiçadas* (2004) e *Trabalho, consumismo e novos pobres* (2009) que foram lidas, discutidas e, porque não dizer, vivenciadas de uma maneira não muito convencional, porém, desafiadora e de muita relevância para o estudo da experiência em educação.

O trabalho consiste em ler cada um dos textos propostos duas vezes de maneira contínua, sem interrupções. A primeira, na biblioteca da instituição, quando devem destacar trechos relevantes e copiá-los no caderno. Durante essa leitura silenciosa e sem interrupções externas, devem listar palavras ou conceitos chave do texto e redatar sua significação em forma de glossário.

Sobre a segunda leitura de cada texto, notamos o quão desafiadora é a proposta. Cada aluno, em horário e dia que escolhesse, dirija-se a um local (pré-indicado ou sugerido pelo professor) da cidade de Barcelona e/ou seus arredores, que mantém relação com cada texto. O texto 1, *Turistas e vagabundos*, deveria ser lido em algum lugar do bairro *Ciutat Vella*, por ser este um espaço de circulação de muitos turistas. O texto 2, *Vidas desperdiçadas* (capítulos 1 e 2), foi lido em um terreno baldio, à escolha de cada um, de acordo com sua preferência e proximidade. O texto 3, *Vida de consumo* (introdução e capítulo 1), foi lido em um centro comercial (*shopping*). E, por fim, o texto 4, *Trabalho, consumismo e novos pobres*, foi lido em uma zona industrial.

Uma observação que julgamos relevante é de que a leitura em cada um desses espaços também deveria ser ininterrupta – mesmo estando eles em lugares de muita movimentação e circulação de pessoas e veículos. Por serem os textos um tanto extensos, notamos que a permanência em cada lugar – podendo variar de um para outro levando em consideração as especificidades de cada um – foi de, no mínimo, duas horas, o que, para alguns, conforme apontaremos posteriormente, tornou-se um tormento.

Além da leitura do texto, cada leitor deveria realizar a descrição de cada lugar que escolheu para realizar sua leitura. Além disso, cada um fez uma breve consideração sobre a relação que estabelecem os espaços escolhidos para a leitura e os textos que leram. Por fim, deveriam ainda, destacar no mínimo cinco pontos que julgassem interessantes a partir do texto (indicando os parágrafos a que se referem) ou do espaço em que se encontravam (indicando sempre os elementos referidos). E assim, a partir dessas leituras já realizadas e vivenciadas por seus alunos, em sala de aula, o professor Larrosa introduzia as discussões e reflexões de cada texto, ouvindo, aleatoriamente, os apontamentos que eles traziam.

Como parte da avaliação final da disciplina, organizados em grupos sob a orientação do professor Jorge, os alunos deverão criar um projeto de intervenção social/educativa para ser aplicado em algum desses espaços que visitaram enquanto liam e sobre os quais Bauman discute em seus textos. A aplicação do projeto será fictícia, no entanto, exigirá de cada grupo um real envolvimento com o lugar que escolher e uma atenção especial para elaborar cuidadosamente a escrita a ponto de ficar claro para os colegas e o professor como será realizada a intervenção social naquele meio.

Contudo, o sucesso de cada trabalho/intervenção social educativa que esses alunos propuserem dependerá de quanto proficuas foram as leituras que realizaram dos textos de Bauman e as relações que puderam estabelecer a partir delas. Assim, falar sobre leitura faz-se necessário.

O que observaram e experimentaram esses jovens leitores

Somos sabedores de que a atividade de ler implica muito mais que decodificar palavras e signos. Apresenta-se como um processo complexo que, de acordo com Vicent Jouve (2002), possui cinco dimensões. São elas: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica.

Quando tratamos de observar o processo neurofisiológico vemos que o que está em jogo é a capacidade que tem o leitor de organizar o texto ao seu modo, seja antecipando ou postergando as palavras conforme lhe são apresentadas pelo autor. Como a nossa mirada não é linear, torna-se possível esses “movimentos sacádicos” (JOUVE, 2002, p. 18) e, assim, a leitura se apresenta como atividade capaz de antecipar, estruturar e interpretar. Ao tratar do aspecto cognitivo, Jouve aponta que depois de perceber os signos, o leitor trata de decifrá-los e interpretá-los, contudo, precisa ter saberes mínimos, estabelecer as relações que o texto exige. Quanto ao processo afetivo, o autor menciona que a leitura recorre à possibilidade que tem o leitor de refletir, o que remete, inegavelmente, à sua afetividade, ou seja, na maneira que se envolve emocionalmente com o que lê. No que diz respeito ao processo argumentativo, Jouve (2002) discorre sobre o ato da produção do texto, que tem sempre cunho interpelativo, pois o autor quer provar sua tese através de seu discurso. Cabe então, a nós, os leitores, decidirmos se cedemos ou não a essa apelação do texto concordando ou não com ele. Dessa forma a leitura possibilita que nos questionemos sobre os modos de concebermos o/os sentido/os do texto. Por fim, no que diz respeito ao processo simbólico que envolve a leitura, o autor destaca que nossas vivências culturais interagem com o que lemos; assim, vemos o contexto como um importante elemento que compõe o ato de ler e toda a sua complexidade.

E é exatamente pela relevância que tem o contexto para o ato de ler, que propor a realização da leitura de um texto em um espaço que se relaciona de alguma forma com ele, é estar, de certo modo, contextualizando. Contudo, somente o recinto não basta. É preciso mais. Acreditamos que ao realizar essa tarefa proposta pelo professor, os alunos/leitores foram convidados a desnudarem-se de seus pré-conceitos com relação aos distintos lugares e abrirem-se ao novo, ao diferente, às possibilidades; a darem-se oportunidades de (re) descobrirem-se através do que leem. Isso porque, assim como diz Larrosa (2003) cremos na leitura enquanto formação e na formação enquanto leitura, pois

Pensar a leitura como formação implica em pensá-la como uma atividade que se relaciona com a subjetividade do leitor; não somente com o que o leitor sabe como também com o que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos transforma), como algo que nos constrói ou nos põe frente a frente com o que somos (LARROSA, 2003, p. 25-26 – tradução nossa).

Por acreditarmos na leitura que nos constitui enquanto seres pensantes e dotados de sentimentos, é que vemos o quanto a possibilidade de ler Bauman – esse brilhante teórico da sociologia que defende a ideia da sociedade líquida moderna que se reafirma cada vez mais embasada no consumo e na produção de lixo e de pobres – ao mesmo tempo em que se verifica que o que ele teoriza se manifesta aos nossos olhos, é desafiador, de-formador e transformador.

Assim, o primeiro contato com os textos de Bauman, conforme os relatos dos estudantes, foi de uma maior atenção aos conceitos por ele trabalhados. Os processos neurofisiológico e cognitivo que envolveram, principalmente, a primeira leitura realizada na biblioteca da universidade foram a base para o envolvimento dos outros processos que seguiram quando realizaram a leitura em espaço pré-determinado. Tanto o processo afetivo quanto o argumentativo e o simbólico foram acionados durante toda a atividade, contudo, se fizeram muito mais presentes quando do encontro do texto com os espaços que com ele se relacionam.

Isso porque, os estudantes relataram que os sentimentos variavam muito de lugar para lugar. Desde sentir-se à vontade, como deparar-se com o medo, ou então comovidos com determinada situação, ou ainda incomodados com o barulho e a agitação característicos dos sítios que visitaram. Essa mescla de sensações vai ao encontro da ideia de leitura enquanto processo afetivo que, conforme descreve Jouve (2003), tem as emoções como base motriz do engajamento sensível do leitor com o texto.

Obviamente, nem todos os cinquenta alunos opinaram e/ou expuseram o relato de como realizaram suas leituras e o que sentiram quando praticaram a atividade. Contudo, a atenção enquanto os colegas traziam à tona suas observações era total. Notamos que de modo geral, o que fala Bauman em seus diferentes textos, mas que mantêm entre si um elo comum – trata de um ser fragmentado que se encontra à mercê do consumismo e da lógica do capital que age sobre ele e, de certa maneira, o faz refém – pode ser observado/sentido pelos jovens leitores quando vivenciaram suas experiências de leitura, pois, se permitiram parar para observar, para sentir. Conforme Larrosa

Nossa própria vida está cheia de acontecimentos. Mas, ao mesmo tempo, quase nada acontece em nosso interior. Os sucessos da atualidade convertidos em notícias fragmentadas e aceleradamente expiradas, não nos afetam diretamente. Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e nós permanecemos exteriores, distantes, inabaláveis (LARROSA, 2003, p. 28 – tradução nossa).

Diante dessa afirmação, cabe destacar que alguns dos jovens comentaram que vivem próximos a estes lugares (terrenos baldios ou zonas industriais), outros trabalham (centros comerciais) ou costumam frequentá-los com certa frequência. No entanto, não têm o hábito de realizar leituras e observações nesses espaços. Assim,

notamos que, diariamente, cruzamos por ruas e por lugares inusitados ou curiosos ou perturbadores, mas sem nos determos em suas especificidades locais e sem refletirmos sobre o que vemos e, assim, nada nos passa; as imagens ou leituras não nos atravessam, não nos tocam. Por isso, sem que possamos sair de nós mesmos e nos colocarmos no exterior, abertos à atividade que exercita o olhar e a recepção, não será possível a experiência.

Assim, se a leitura, como afirma Larrosa (2016), é uma experiência de linguagem e de pensamento, que leva em consideração o emocional, onde o que está em jogo é a sensibilidade e os nossos sentimentos, podemos assegurar, então, que esses jovens leitores de Bauman puderam se expor, redimensionar o olhar para dentro de si mesmos e deixarem-se tocar. A linguagem foi dessa forma o elo entre os conceitos do teórico e aquilo que puderam trazer à tona de cada um no momento em que realizaram suas leituras; a palavra, dessa forma, permitiu resgatar e reconstruir significados através da experiência de leitura. Isso porque o que realmente importa nessa experiência não é o que disse o autor nem o que possam dizer os jovens sobre ele, mas sim, como o que ele disse poderá influenciar, contribuir, formar ou transformar as palavras desses leitores a partir de então.

Considerações finais

Notamos, então, que experiências iguais a estas podem contribuir para que possamos dizer o que até então não havíamos dito, porque não sabíamos, porque não podíamos, ou porque não queríamos. Afirmamos também que a experiência de leitura contribui para que, através das palavras do autor, nós possamos construir/ reconstruir nossas próprias palavras. O importante não é o que ele sente, nem o que sentimos nós, mas sim como podemos relativizar nossos sentimentos a partir dos sentimentos dele, e, a partir das leituras podemos transformar nossas sensibilidades, sentir por nós mesmos.

Foi dessa forma que percebemos a atividade desenvolvida pelo professor Jorge Larrosa junto aos alunos dos cursos de Pedagogia Social da Universidade de Barcelona. A cada relato de experiência dos acadêmicos, uma nova percepção da realidade que eles acabavam de vivenciar a partir das leituras de Bauman. Não era exatamente o teórico alemão quem falava, mas sim, eram os jovens que percebiam o mundo a partir do que experimentaram, por meio da leitura.

Assim, eles demonstraram ser o que Larrosa (2016) chama de sujeito da experiência, ou seja, são um espaço onde tem lugar os acontecimentos (ou talvez o portador desse espaço). Dessa forma, esses sujeitos se definem não por suas atividades, mas por suas passividades, receptividades, disponibilidades e aberturas a tudo o que veem e sentem. Eles manifestaram disposição para receber, mas, para tal, vários fatores (a pausa, o silêncio, a

pré-disposição a ouvir, dentre outros já mencionados anteriormente) precisaram estar em confluência. Esses indivíduos, são, então territórios de passagem, pois não se fazem fixos, firmes, seguros, impávidos e inatingíveis, como aquele incapaz de ter experiências. Assim, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (LARROSA, 2016, p.28), pois é passional e, como tal, assume riscos, propõe-se a inovações e possibilidades.

Acreditamos, assim, que vivenciar as experiências de leitura em educação tem relação com isso, com a prática; com ver e sentir na aplicação aquilo do qual o teórico fala. Somos sabedores de que a educação desde sempre foi pensada sob dois eixos distintos: ciência/tecnologia e teoria/prática e isso dificulta ou impossibilita que algo nos passe, nos perpassa, nos aconteça, conforme reafirma constantemente Larrosa, o mestre catalão (2006). É preciso, então, pensar a educação sob outro ponto, sob outros paradigmas. E é isso que atividades como essa que discutimos aqui se propõem a fazer. A ideia é focar no eixo experiência/sentido. Somente a partir daí podemos refletir no que as palavras nos permitem pensar, dizer, ver. A partir daí podemos intentar outras gramáticas e outros esquemas de pensamento, e, assim, produzir outros efeitos de verdade e de sentidos.

Os jovens estudantes que se viram motivados pelo mundo líquido moderno de Bauman e por suas teorias de análise da sociedade que cada vez mais produz lixo e novos pobres experimentaram muito mais do que trocar experiências de leitura. O que percebemos através dos relatos contundentes de alguns, emocionados de poucos e indignados de muitos é que se permitiram olhar para si mesmos e perceberem em suas condutas, em seus meios, nas sociedades em que estão inseridos, o quanto essas palavras são significativas. Por conta disso, reafirmamos que é preciso, urgentemente, explorar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência. Para tanto, é preciso reivindicar para si a experiência e fazer soar no interior de nossas salas de aula de modo que ecoe e ganhe o espaço exterior, que saia das páginas dos livros e se interrelacione com as realidades dos indivíduos, assim como faz Larrosa com seus jovens estudantes e que nós tivemos o privilégio de acompanhar.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad líquida**. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica. 1999.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre a Experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Tradução Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. México: FCE, 2003.

SENNET, Richard. **O artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record: 2009.

Recebido em: julho/2018

Aceito em: outubro /2018

Endereço para correspondência:

Fabiane Verardi Burlamaque <fabianevb@uol.com.br>

Universidade de Passo Fundo

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

BR 285 – Bairro São José

99052-900, Passo Fundo, RS, Brasil